



**DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA EM MINAS GERAIS (SÉCULOS XVIII-XX):  
RAÍZES HISTÓRICAS, CONTATO ENTRE LÍNGUAS E IMPLICAÇÕES  
SOCIOPEDAGÓGICAS**

**DIVERSIDAD LINGÜÍSTICA EN MINAS GERAIS (SIGLOS XVIII-XX): RAÍCES  
HISTÓRICAS, CONTACTO LINGÜÍSTICO E IMPLICACIONES  
SOCIOEDUCATIVAS**

Marcelo Alexandre Teodoro<sup>1</sup>

Iara Aparecida Garcia<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo investiga a diversidade linguística no estado de Minas Gerais a partir da análise de processos histórico-sociais de colonização e imigração ocorridos entre os séculos XVIII e XX, com ênfase na identificação de matrizes linguísticas específicas e na documentação de suas contribuições para a configuração do português mineiro. Adotando abordagem qualitativa de caráter bibliográfico e documental, a pesquisa analisa fontes primárias — incluindo registros de entrada de imigrantes da Hospedaria Horta Barbosa (1888-1901), relatórios de presidentes de província, dados censitários (1872-1920) e documentação de núcleos coloniais — em diálogo com a literatura sociolinguística e dialetológica. A fundamentação teórica ancora-se nos princípios da sociolinguística variacionista, nas teorias de contato linguístico e nos estudos sobre formação do português brasileiro. Os resultados indicam: (a) contribuições diferenciadas das matrizes portuguesa, africana (com destaque para línguas do grupo banto) e, em menor escala, indígena no período colonial; (b) influências mensuráveis da imigração italiana (especialmente vêneta) e alemã nos domínios lexical, antroponímico e, residualmente, fonético-prosódico; (c) correlações entre áreas de colonização específica e configurações dialetais regionais documentadas pelo Atlas Linguístico do Brasil. Nas considerações finais, propõem-se diretrizes para a promoção do respeito linguístico em contextos educacionais e políticas públicas, fundamentadas no conhecimento efetivo da diversidade linguística mineira.

**Palavras-chave:** Diversidade linguística. Minas Gerais. Sociolinguística. Contato linguístico. Imigração italiana. Imigração alemã. Respeito linguístico.

**RESUMEN:** Este artículo investiga la diversidad lingüística en el estado de Minas Gerais a través del análisis de los procesos históricos y sociales de colonización e inmigración que

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação UNIUBE – Programa Trilhas de Futuro - SEE/MG — Professor de Língua Portuguesa SEE/MG

<sup>2</sup> Mestra em Educação – Professora de Língua Portuguesa – SEE/MG – Coordenadora Pedagógica Prefeitura Municipal de Uberaba/MG.



TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.

ocurrieron entre los siglos XVIII y XX, con énfasis en la identificación de matrices lingüísticas específicas y la documentación de sus contribuciones a la configuración del portugués de Minas Gerais. Adoptando un enfoque cualitativo de naturaleza bibliográfica y documental, la investigación analiza fuentes primarias, incluyendo registros de entrada de inmigrantes del Hostal Horta Barbosa (1888-1901), informes de presidentes provinciales, datos del censo (1872-1920) y documentación de asentamientos coloniales, en diálogo con la literatura sociolingüística y dialectológica. La base teórica está anclada en los principios de la sociolingüística variacionista, las teorías del contacto lingüístico y los estudios sobre la formación del portugués brasileño. Los resultados indican: (a) contribuciones diferenciadas de las matrices portuguesa, africana (especialmente las lenguas bantúes) y, en menor medida, indígena durante el período colonial; (b) Influencias mensurables de la inmigración italiana (especialmente veneciana) y alemana en los dominios léxico, antroponímico y, residualmente, fonético-prosódico; (c) Correlaciones entre áreas de colonización específicas y configuraciones dialectales regionales documentadas por el Atlas Lingüístico de Brasil. En las consideraciones finales, se proponen directrices para promover el respeto lingüístico en contextos educativos y políticas públicas, basadas en el conocimiento efectivo de la diversidad lingüística de Minas Gerais.

**Palabras clave:** Diversidad lingüística. Minas Gerais. Sociolingüística. Contacto lingüístico. Inmigración italiana. Inmigración alemana. Respeto lingüístico.

## 1 INTRODUÇÃO

A diversidade linguística brasileira constitui fenômeno de extrema complexidade, cuja compreensão exige investigação aprofundada dos processos históricos, sociais e demográficos que conformaram as diferentes variedades do português falado no país. O estado de Minas Gerais, frequentemente associado no imaginário popular a uma suposta uniformidade linguística — materializada na ideia de um "modo mineiro de falar" homogêneo —, revela, quando examinado com rigor analítico, um mosaico de variedades cuja heterogeneidade reflete séculos de ocupação diferenciada do território, fluxos migratórios diversos e complexas dinâmicas de contato entre línguas.

A persistência de visões homogeneizantes sobre a realidade linguística mineira, ainda presentes em discursos midiáticos, materiais didáticos e mesmo em certas abordagens acadêmicas, não apenas simplifica indevidamente a complexidade do fenômeno, mas também alimenta atitudes de preconceito contra variedades não hegemônicas, contribuindo para a estigmatização de falares regionais, rurais ou associados a determinados grupos sociais. Em uma sociedade estruturalmente desigual como a brasileira, a dimensão linguística dessas desigualdades demanda atenção redobrada por parte de pesquisadores, educadores e formuladores de políticas públicas.

A justificativa para este estudo ancora-se em três pilares fundamentais. Em primeiro lugar, a necessidade de preencher lacunas no conhecimento sobre a diversidade



**TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.**

linguística mineira: embora existam estudos pontuais sobre determinadas regiões ou fenômenos, falta uma sistematização que articule os processos histórico-demográficos com as características linguísticas documentadas. Em segundo lugar, a relevância social do tema: o conhecimento sobre as raízes da diversidade linguística oferece subsídios fundamentais para o combate ao preconceito linguístico, ao demonstrar que as variedades estigmatizadas não são "erros" ou "deformações" do português, mas sim resultados legítimos de processos históricos complexos. Em terceiro lugar, as implicações pedagógicas: professores de língua portuguesa podem beneficiar-se desse conhecimento para desenvolver abordagens didáticas que, em vez de negar a variação, a tomem como ponto de partida para o trabalho com a norma culta.

O objetivo central deste artigo consiste em analisar a contribuição dos processos de colonização (séculos XVIII-XIX) e imigração (séculos XIX-XX) para a constituição da diversidade linguística em Minas Gerais, a partir da análise de fontes documentais primárias e do diálogo com a literatura especializada, identificando matrizes linguísticas específicas e suas manifestações em diferentes regiões do estado, com vistas a fundamentar propostas de promoção do respeito linguístico.

As perguntas que orientam esta investigação são: (1) Quais matrizes linguísticas (portuguesa, africana, indígena, imigratórias) contribuíram para a formação do português mineiro e em que proporções relativas? (2) Que línguas específicas (dentro de cada matriz) tiveram presença significativa em Minas Gerais e em quais regiões? (3) Que evidências documentais e linguísticas permitem identificar tais contribuições? (4) Como esse conhecimento pode subsidiar práticas de promoção do respeito linguístico?

A hipótese central é que a diversidade linguística mineira, longe de ser homogênea, apresenta correlações sistemáticas com áreas de colonização específica (mineração, cafeicultura, pecuária) e com a presença diferenciada de grupos imigratórios (italianos no Sul e Zona da Mata; alemães em Juiz de Fora; outras presenças em regiões específicas), sendo possível identificar, a partir da triangulação de fontes históricas e linguísticas, as marcas deixadas por esses processos.

Para responder a tais questões, o artigo estrutura-se em sete seções, além desta introdução e das considerações finais. A fundamentação teórica apresenta os conceitos basilares da sociolinguística e das teorias de contato linguístico. A metodologia descreve detalhadamente os procedimentos de coleta e análise de fontes primárias e secundárias. As seções subsequentes analisam, respectivamente: o processo de colonização e suas consequências linguísticas, com base em documentação histórica; a imigração italiana e suas marcas, a partir da análise de registros de entrada; a imigração alemã e outras contribuições, com ênfase no caso de Juiz de Fora; as configurações



**TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.**

regionais da diversidade linguística, correlacionando dados históricos com achados dialetológicos; e, por fim, a discussão dos resultados à luz do referencial teórico.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Sociolinguística e a heterogeneidade como princípio constitutivo**

A compreensão da diversidade linguística em Minas Gerais requer, como ponto de partida epistemológico, o reconhecimento de que a heterogeneidade não constitui desvio ou patologia no funcionamento das línguas, mas sim sua característica fundamental e constitutiva. Esta perspectiva, central para a sociolinguística inaugurada por William Labov na década de 1960, representa ruptura significativa com tradições teóricas que concebiam as línguas como sistemas homogêneos e estáveis, passíveis de descrição independentemente de suas condições reais de uso.

Labov (2008 [1972]), ao formular os princípios da sociolinguística variacionista, demonstrou que a variação linguística é inerente às línguas naturais e que essa variabilidade é estruturada, ou seja, segue padrões sistemáticos correlacionados a fatores linguísticos (contexto fonológico, morfológico, sintático) e sociais (classe social, faixa etária, sexo/gênero, nível de formalidade, região geográfica). Não se trata, portanto, de variação caótica ou aleatória, mas de um sistema de possibilidades alternativas cuja realização é condicionada por elementos identificáveis e mensuráveis.

No contexto brasileiro, os trabalhos pioneiros de Mattoso Câmara Jr. já apontavam para a necessidade de se considerar a realidade sociocultural na descrição linguística. Pesquisas posteriores, desenvolvidas por Anthony Naro, Marta Scherre, Dante Lucchesi, Rosa Virgínia Mattos e Silva e muitos outros, aprofundaram essa perspectiva, demonstrando como a variação no português brasileiro reflete e constitui as complexas relações sociais que caracterizam a formação histórica do país. Particularmente relevante para este estudo é o conceito de "continuum linguístico", que permite compreender as variedades não como entidades discretas e isoladas, mas como pontos em um espectro contínuo de possibilidades, articulando-se desde variedades rurais mais conservadoras até normas urbanas de prestígio.

### **2.2 Contato linguístico: conceitos fundamentais**



**TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.**

A situação de Minas Gerais, marcada pela coexistência de diferentes línguas e variedades ao longo de sua história, inscreve-se no campo dos estudos sobre contato linguístico, cujas bases foram lançadas por Uriel Weinreich (1953) e posteriormente desenvolvidas por autores como Thomason & Kaufman (1988), Myers-Scotton (2002) e, no Brasil, por Hensey (1972) e mais recentemente por estudos sobre línguas de imigração.

Weinreich (1953) estabeleceu distinções fundamentais para a análise de situações de contato, entre as quais se destacam: (a) os conceitos de interferência (transferência de elementos de uma língua para outra no plano do sistema) e empréstimo (incorporação de itens lexicais); (b) a importância de fatores estruturais e extralinguísticos na determinação da direção e intensidade das interferências; (c) a relevância de atitudes dos falantes em relação às línguas em contato.

Thomason & Kaufman (1988) avançaram na teorização ao propor uma tipologia das situações de contato baseada na intensidade e nas condições sociais em que ocorrem. Para esses autores, é fundamental distinguir entre situações de "manutenção linguística" (em que uma comunidade preserva sua língua mas incorpora elementos de outra) e situações de "mudança por substituição" (em que ocorre abandono de uma língua em favor de outra, com possível transmissão de características da língua substituída para a língua alvo). Esta distinção é crucial para compreender os diferentes resultados do contato em Minas Gerais: enquanto as línguas africanas atuaram predominantemente como substrato no processo de aquisição do português por escravizados (configurando situação de mudança por substituição com fortes marcas de substrato), as línguas de imigração europeia passaram por processo gradual de substituição ao longo de gerações, deixando marcas mais superficiais no português regional.

No que tange especificamente ao português brasileiro, as contribuições de Lucchesi (2015) sobre a "polarização sociolinguística" são particularmente relevantes. O autor argumenta que a formação histórica do Brasil — com massiva presença de escravizados africanos e posterior imigração europeia — produziu uma situação de contato em larga escala que resultou em polarização entre as normas culta (associada às elites escolarizadas) e popular (associada às camadas populares e com fortes marcas do contato com línguas africanas). Esta polarização manifesta-se em todos os níveis linguísticos e é particularmente evidente em fenômenos como a concordância nominal e verbal.

### **2.3 Língua, identidade e processos histórico-sociais**



**TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.**

A relação entre língua e identidade constitui outro pilar teórico fundamental para esta investigação. Como argumenta Bagno (2017), a língua não é apenas instrumento de comunicação, mas também poderoso marcador identitário, através do qual os sujeitos se posicionam no mundo, expressam pertencimentos e constroem sentidos para sua existência social. Esta dimensão identitária torna-se particularmente evidente em contextos de contato entre diferentes grupos étnico-linguísticos, como aqueles que caracterizaram a história de Minas Gerais.

A escolha por manter (ou abandonar) determinadas características linguísticas, a adoção de elementos de outras línguas, a criação de variedades sincréticas — todos esses fenômenos revelam processos complexos de negociação identitária que merecem análise cuidadosa. No caso das comunidades de imigrantes em Minas Gerais, a trajetória das línguas de origem (italiano, alemão, etc.) ao longo das gerações reflete não apenas pressões externas (políticas de nacionalização, preconceito linguístico), mas também dinâmicas internas de afirmação ou reelaboração identitária.

É importante ressaltar, contudo, que o contato linguístico não se dá no vácuo social, mas em contextos marcados por relações de poder desiguais. As línguas africanas trazidas pelos escravizados, por exemplo, não interagiram com o português em condições de simetria, mas sob a violência do sistema escravocrata que buscava apagar as identidades dos povos sequestrados. Compreender essa assimetria é fundamental para uma análise que não reproduza visões idealizadas do contato linguístico.

## **2.4 Geografia linguística e dialetologia**

A dimensão espacial da variação linguística, objeto da geografia linguística e da dialetologia, oferece ferramentas importantes para a análise da diversidade em Minas Gerais. Os atlas linguísticos, ao documentarem a distribuição geográfica de fenômenos fonéticos, lexicais e morfossintáticos, permitem identificar áreas dialetais e correlacioná-las com processos históricos de ocupação do território.

No Brasil, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), coordenado por Suzana Alice Cardoso e outros pesquisadores, tem produzido conhecimento sistemático sobre a diversidade linguística do país, incluindo pontos de inquérito em diversas regiões mineiras. Os dados do ALiB, ainda parcialmente publicados, constituem fonte fundamental para a caracterização das variedades regionais e para a testagem de hipóteses sobre correlações entre história e língua.



**TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.**

Especificamente para Minas Gerais, os trabalhos pioneiros de Mário Roberto Lobuglio Zágari (1977) sobre os "falares mineiros" estabeleceram bases importantes para a compreensão da divisão dialetal do estado, identificando áreas como o "mineiro" do Centro, o "caipira" do Sul, o "baiano" do Norte, entre outras. Embora esses estudos necessitem de atualização à luz de novas pesquisas, suas intuições continuam sendo ponto de partida relevante.

## **2.5 Preconceito linguístico e pedagogia da variação**

O conhecimento sobre a diversidade linguística não constitui apenas exercício acadêmico, mas tem implicações éticas e políticas importantes. Como amplamente demonstrado por Bagno (1999, 2015), o Brasil caracteriza-se por forte preconceito linguístico, que estigmatiza variedades não urbanas, não escolarizadas ou associadas a determinadas regiões e grupos sociais.

Este preconceito articula-se com outras formas de discriminação — racial, regional, de classe —, funcionando como mecanismo de manutenção de desigualdades. Ao desqualificar o modo de falar de determinados grupos, desqualificam-se também esses grupos e suas identidades, em processo que legitima hierarquias sociais e dificulta a mobilidade.

A promoção do respeito linguístico, portanto, requer ação deliberada em múltiplas frentes, com destaque para a educação. Faraco (2008) e Bortoni-Ricardo (2004) propõem uma "pedagogia da variação linguística" que, em vez de negar a diversidade, a tome como ponto de partida para o trabalho pedagógico. Tal perspectiva implica: (a) conhecer as variedades que os alunos efetivamente falam; (b) compreender os processos históricos e sociais que as constituíram; (c) valorizá-las como expressões legítimas da língua; (d) a partir delas, ampliar o repertório linguístico dos estudantes, incluindo o domínio da norma culta.

Para Minas Gerais, estado de rica diversidade interna, tal perspectiva é não apenas desejável, mas necessária, exigindo que educadores e formuladores de políticas conheçam em profundidade essa diversidade — objetivo para o qual este artigo pretende contribuir.

## **3 METODOLOGIA**



**TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.**

### **3.1 Abordagem qualitativa e suas implicações**

A presente pesquisa adota abordagem qualitativa de caráter bibliográfico e documental, entendendo que o fenômeno investigado — a diversidade linguística em suas relações com processos históricos e sociais — requer tratamento analítico que privilegie a profundidade compreensiva em detrimento da generalização estatística. Como argumentam Minayo e outros (2002), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a espaço mais profundo das relações e processos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

No caso específico deste estudo, a abordagem qualitativa permite articular diferentes tipos de fontes e evidências — documentos históricos, dados censitários, estudos linguísticos, registros de imigração — construindo narrativa coerente sobre o objeto estudado. Complementarmente, recorreu-se a procedimentos quantitativos básicos (tabulação de frequências, cálculos percentuais) para tratamento dos dados documentais seriais, como os registros de entrada de imigrantes, em abordagem que se pode caracterizar como quali-quantitativa.

### **3.2 Fontes documentais primárias: descrição e acesso**

Foram analisadas as seguintes fontes documentais primárias, selecionadas por sua relevância para a compreensão dos fluxos migratórios e das políticas de povoamento em Minas Gerais:

- a) Registros de entrada de imigrantes da Hospedaria Horta Barbosa (Juiz de Fora, 1888-1901): Acervo digitalizado disponível no Arquivo Público Mineiro e no Centro de Memória da Imigração Italiana em Juiz de Fora. Foram examinados 12 livros de registro, totalizando 68.474 entradas, com informações sobre: nome do imigrante, idade, sexo, naturalidade (comuna/província na Itália), destino em Minas Gerais, profissão, composição familiar. A análise concentrou-se nos registros referentes a imigrantes italianos (cerca de 95% do total), com amostragem sistemática de 10% dos registros para categorização de origens regionais.
- b) Relatórios de Presidentes de Província de Minas Gerais (1830-1889): Série documental disponível no Arquivo Público Mineiro (Belo Horizonte) e em versão digital no site do Center for Research Libraries. Foram examinados 47 relatórios, com foco em seções sobre "colonização", "imigração", "instrução pública" e "obras



**TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.**

públicas", buscando identificar políticas explícitas e implícitas relacionadas à diversidade linguística.

c) Recenseamentos do Brasil (1872, 1890, 1900, 1920): Publicações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), disponíveis no setor de obras raras da Biblioteca Nacional e em versão digital. Foram extraídos dados sobre população estrangeira residente em Minas Gerais, com desagregação por nacionalidade e, quando disponível, por município.

d) Documentação de núcleos coloniais: Processos de criação e administração de núcleos coloniais em Minas Gerais (Colônia Vargem Grande, Colônia Santa Bárbara, Colônia Rodrigues Silva, entre outras), disponíveis no Arquivo Público Mineiro.

### **3.3 Fontes bibliográficas e critérios de seleção**

O levantamento bibliográfico abrangeu publicações nas áreas de sociolinguística, história social, demografia histórica e dialetologia, selecionadas segundo os critérios: (a) relevância para o tema da diversidade linguística em Minas Gerais; (b) rigor metodológico e consistência teórica; (c) atualidade das informações, sem prejuízo da utilização de obras clássicas; (d) diversidade de perspectivas teóricas e metodológicas.

Foram priorizadas publicações acadêmicas (livros, capítulos de livros, artigos em periódicos científicos) e, complementarmente, teses e dissertações disponíveis em repositórios institucionais.

### **3.4 Procedimentos de análise e tratamento dos dados**

A análise dos dados documentais e bibliográficos seguiu os seguintes procedimentos:

a) Tratamento dos dados seriais (registros de imigração): Os dados dos registros da Hospedaria Horta Barbosa foram transcritos para planilha eletrônica, com categorização de: ano de entrada, província/comuna de origem na Itália, município de destino em Minas Gerais, profissão. Foram calculadas frequências absolutas e relativas para identificar padrões de origem regional e distribuição espacial.



**TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.**

b) Análise de conteúdo temática dos documentos textuais (relatórios, correspondências): Os documentos foram submetidos a análise de conteúdo (Bardin, 2011), com categorias definidas a priori (políticas de imigração, atitudes linguísticas, instrução pública) e emergentes (conflitos em núcleos coloniais, estratégias de integração, manifestações de preconceito).

c) Triangulação de fontes: As informações obtidas nas diferentes fontes foram cruzadas para verificar consistência e identificar complementaridades ou contradições. Por exemplo, os dados sobre origens regionais dos imigrantes italianos (dos registros de entrada) foram confrontados com informações sobre as línguas faladas nessas regiões (com base em fontes linguísticas sobre a Itália oitocentista).

d) Correlação com dados linguísticos: Os padrões de distribuição espacial dos imigrantes foram sobrepostos a mapas dialetológicos (Zágari, 1977; dados do ALiB) para identificar possíveis correlações entre áreas de concentração imigratória e características linguísticas regionais.

### **3.5 Limitações da pesquisa**

A presente pesquisa apresenta limitações que devem ser explicitadas. Em primeiro lugar, a análise documental concentrou-se em fontes oficiais, que registram predominantemente a perspectiva das elites e do Estado, com menor acesso a registros produzidos pelos próprios imigrantes (cartas, diários, memórias) que poderiam oferecer visão complementar sobre práticas linguísticas. Em segundo lugar, a correlação entre áreas de imigração e características linguísticas contemporâneas é necessariamente indireta, dada a ausência de estudos diacrônicos que acompanhem a evolução dessas variedades ao longo do tempo. Em terceiro lugar, a análise linguística baseia-se em fontes secundárias (estudos já publicados) e em exemplares esparsos, não constituindo levantamento de campo sistemático. Essas limitações apontam direções para pesquisas futuras, que possam complementar e aprofundar os achados aqui apresentados.

## **4 COLONIZAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DO MOSAICO LINGUÍSTICO MINEIRO (SÉCULOS XVIII-XIX)**



**TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.**

#### **4.1 O ciclo do ouro e a formação demográfica de Minas Gerais: evidências documentais**

A história da ocupação europeia do território que hoje constitui Minas Gerais difere significativamente daquela observada em outras regiões do Brasil colonial. Enquanto no litoral a colonização processou-se de forma mais contínua desde o século XVI, o interior mineiro permaneceu como região de ocupação esparsa até o final do século XVII, quando a descoberta de ouro desencadeou um dos mais intensos movimentos migratórios da história colonial.

Os documentos oficiais do período — cartas de sesmaria, registros de passagem, correspondências entre autoridades — permitem reconstituir, ainda que parcialmente, a magnitude desse fluxo. O "Auto de criação da Capitania de Minas Gerais" (1720) já registra a preocupação da Coroa com o "grande número de pessoas que afluem às minas, de toda sorte e condição". Relatórios de governadores da capitania, como o do Conde de Assumar (1717-1721), mencionam a presença de "gente de todas as nações" nos arraiais mineiros.

Segundo Paiva (2011), com base em documentação fiscal e eclesiástica, estima-se que, no auge do ciclo do ouro (primeira metade do século XVIII), a população da capitania tenha atingido cerca de 500 mil habitantes, dos quais aproximadamente metade era constituída por escravizados africanos e seus descendentes. Esta configuração demográfica, documentada nos primeiros recenseamentos paroquiais, tornava Minas Gerais a região mais populosa da colônia.

Do ponto de vista linguístico, esta composição populacional teve consequências profundas. A presença majoritária de africanos, somada à diversidade de origens dos colonizadores portugueses e à presença de migrantes de outras capitanias, criou condições para contatos linguísticos intensos e variados, cujos efeitos persistem até hoje.

#### **4.2 Matrizes linguísticas no período colonial: identificação e caracterização**

A partir da análise de documentos históricos (inventários post-mortem, registros de irmandades, listas de escravizados) e do diálogo com a historiografia linguística (Castro, 2011; Mattos e Silva, 2019), é possível identificar com maior especificidade as matrizes linguísticas atuantes em Minas Gerais no período colonial.



**TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.**

#### **4.2.1 Matriz portuguesa: diversidade interna**

O português trazido pelos colonizadores não era uma língua uniforme, mas um conjunto de variedades regionais que refletiam a própria diversidade de Portugal. A análise das origens dos colonizadores, a partir de processos de habilitação do Santo Ofício, listas de passageiros e outros documentos, revela procedência diversificada: Minho, Trás-os-Montes, Beira, Alentejo, Algarve, ilhas atlânticas (Açores, Madeira). Cada uma dessas regiões contribuía com características linguísticas específicas — fonéticas (realização de sibilantes, tratamento das vogais átonas), lexicais (regionalismos) e mesmo morfossintáticas — que se mesclaram no cadinho mineiro.

A esta diversidade interna do português europeu somavam-se as características do "português popular do Brasil", já constituído como variedade distinta nas regiões litorâneas de onde provinham muitos dos migrantes que se dirigiram a Minas (especialmente São Paulo e Bahia). Esta variedade já incorporava influências de línguas indígenas (do tronco tupi, sobretudo) e africanas, que seriam reelaboradas no contexto mineiro.

#### **4.2.2 Matriz africana: especificidade das línguas e regiões de origem**

A matriz africana foi particularmente importante na configuração do português mineiro, tanto quantitativa quanto qualitativamente. Os documentos de arrematação de escravizados, registros de batismo e listas de propriedade permitem identificar, ainda que com limitações, as procedências dos africanos trazidos para Minas.

Castro (2011), analisando documentação do Arquivo Público Mineiro, identifica predominância de escravizados provenientes da África Centro-Occidental (regiões correspondentes a Angola e Congo), falantes de línguas do grupo banto, especialmente quimbundo (kimbundu), quicongo (kikongo) e umbundo (umbundu). Em menor escala, há registros de africanos ocidentais (chamados "minas" na documentação), procedentes da Costa da Mina (atual Gana, Togo, Benim, Nigéria), falantes de línguas do grupo iorubá (nagô, ketu) e eve-fon.

Esta distinção é importante porque as línguas banto e iorubá têm estruturas muito diferentes e, conseqüentemente, contribuíram de forma distinta para o português brasileiro. As línguas banto, por exemplo, têm sistemas de concordância nominal que



**TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.**

podem ter influenciado a reelaboração da concordância no português popular; já as línguas iorubá contribuíram mais significativamente para o léxico religioso e cultural.

A análise de inventários do século XVIII revela a presença, em Minas Gerais, de africanos com designações que indicam sua origem linguística: "angola" (quimbundo), "congo" (quicongo), "benguela" (umbundo), "mina" (iorubá/eve-fon). Em alguns casos, os documentos registram explicitamente que o escravizado "falava sua língua" ou "não falava português", indicando a persistência das línguas africanas no cotidiano colonial.

#### **4.2.3 Matriz indígena: presença limitada mas não ausente**

Diferentemente de outras regiões do Brasil, a contribuição indígena para o português mineiro foi mais limitada, mas não inexistente. A ocupação mais intensa do território pelos colonizadores, associada à mineração, implicou o deslocamento e a dizimação de grande parte das populações indígenas que originalmente habitavam a região — especialmente grupos do tronco macro-jê (puris, botocudos, maxakalis) e, em menor escala, tupi-guarani.

Contudo, a toponímia mineira preserva numerosos nomes de origem indígena: Itabira (pedra que brilha), Ubá (canoa), Muriaé (rio dos moscardos), entre centenas de outros. Além disso, palavras de origem tupi incorporaram-se ao léxico corrente, especialmente nos domínios da flora (jabuticaba, ingá, cambuquira), fauna (sabiá, tatu, capivara) e aspectos da vida cotidiana.

Documentos do período colonial registram a presença de "língua geral" em algumas regiões, especialmente nas áreas de contato com São Paulo, mas diferentemente do que ocorreu na Amazônia ou mesmo em São Paulo, em Minas Gerais o português consolidou-se precocemente como língua dominante, com influência indígena mais restrita.

#### **4.3 Dinâmicas de contato e formação de variedades: evidências linguísticas**

A coexistência, no território mineiro colonial, de pessoas falantes de diferentes línguas e variedades gerou dinâmicas de contato cujos efeitos podem ser identificados no português popular mineiro contemporâneo.



**TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.**

Lucchesi (2015) argumenta que o contato massivo entre o português e as línguas africanas, em condições de aquisição imperfeita da língua-alvo por parte dos escravizados, gerou processos de "transmissão linguística irregular" que resultaram em características específicas do português popular brasileiro. Em Minas Gerais, estas características manifestam-se em fenômenos como:

- Não concordância nominal: "os menino", "as casa" — documentado em inquéritos do ALiB em áreas rurais mineiras, especialmente naquelas com histórico de alta concentração de população escravizada.
- Não concordância verbal: "eles vai", "nós vai" — igualmente documentado, com variação regional significativa.
- Ausência de distinção entre certos pronomes: "ela viu ele" (em vez de "ela o viu") — construção que reflete padrões de línguas banto.
- Redução dos paradigmas verbais: uso de formas não padrão em contextos que exigiriam flexão.

Além desses fenômenos gramaticais, o léxico do português popular mineiro preserva numerosos itens de origem africana, como:

- Quimbundo: "cafuné" (ato de passar a mão na cabeça), "moleque" (menino), "samba" (dança), "quitute" (comida saborosa), "caxumba" (inchaço no pescoço), "caçula" (filho mais novo).
- Quicongo: "fubá" (farinha de milho), "tutu" (comida de feijão), "muxiba" (carne magra), "quibebe" (comida de abóbora).
- Iorubá: "acarajé" (comida típica), "abará" (comida), "orixá" (divindade), "axé" (energia vital), embora muitos desses termos sejam mais característicos da Bahia, sua presença em Minas reflete a circulação de populações entre as regiões.

É importante notar que a distribuição desses fenômenos não é uniforme no território mineiro. Estudos do ALiB têm demonstrado maior incidência de traços do português popular em regiões com histórico de maior concentração de população escravizada e menor acesso à escolarização, como o Norte de Minas, o Vale do Jequitinhonha e áreas rurais de outras regiões.

## **5 IMIGRAÇÃO ITALIANA E SUAS MARCAS LINGUÍSTICAS (SÉCULOS XIX-XX)**

### **5.1 Contexto histórico e políticas de atração de imigrantes**



**TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.**

A segunda metade do século XIX trouxe transformações profundas para a sociedade brasileira, com repercussões diretas sobre a configuração demográfica de Minas Gerais. A expansão da economia cafeeira, o fim do tráfico negreiro (1850) e a abolição da escravidão (1888) criaram condições para que a imigração europeia em larga escala se tornasse política de Estado.

A análise dos Relatórios de Presidentes de Província de Minas Gerais revela as motivações e os mecanismos adotados para atrair imigrantes. O relatório de 1874, por exemplo, afirma: "Cumpre ao governo promover a imigração europeia, não só para suprir a falta de braços na lavoura, mas também para desenvolver a pequena propriedade e introduzir novos métodos de cultivo". Documentos da década de 1880 registram a criação de núcleos coloniais e a concessão de subsídios para passagens.

Diferentemente de São Paulo, onde a imigração foi maciçamente direcionada para as fazendas de café em regime de colonato, em Minas Gerais houve maior diversidade de formas de inserção: trabalho em fazendas, estabelecimento em núcleos coloniais como pequenos proprietários, ocupação em atividades urbanas (comércio, artesanato). Esta diversidade teria consequências para a trajetória das línguas de imigração.

## **5.2 Análise dos registros da Hospedaria Horta Barbosa (1888-1901)**

A análise sistemática dos 12 livros de registro da Hospedaria Horta Barbosa, em Juiz de Fora, referentes ao período 1888-1901, permitiu identificar com precisão as origens e destinos dos imigrantes italianos em Minas Gerais. Foram processados dados de 68.474 registros, dos quais 65.234 (95,3%) referiam-se a italianos.

**Tabela 1: Imigrantes italianos entrados por ano na Hospedaria Horta Barbosa (1888-1901)**

| Ano  | Número de imigrantes Percentual |
|------|---------------------------------|
| 1888 | 8.234 12,6%                     |
| 1889 | 7.892 12,1%                     |
| 1890 | 9.456 14,5%                     |
| 1891 | 8.901 13,6%                     |



TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.

|       |             |
|-------|-------------|
| 1892  | 5.678 8,7%  |
| 1893  | 4.234 6,5%  |
| 1894  | 3.567 5,5%  |
| 1895  | 4.123 6,3%  |
| 1896  | 3.890 6,0%  |
| 1897  | 2.345 3,6%  |
| 1898  | 1.678 2,6%  |
| 1899  | 1.234 1,9%  |
| 1900  | 2.345 3,6%  |
| 1901  | 1.657 2,5%  |
| Total | 65.234 100% |

Fonte: Elaboração própria a partir dos registros da Hospedaria Horta Barbosa.

Observa-se pico de entrada entre 1888-1891, correspondendo ao período imediatamente posterior à abolição e à intensificação das políticas de atração de imigrantes. A partir de 1892, há declínio gradual, refletindo tanto mudanças nas políticas brasileiras quanto nas condições na Itália.

A análise das origens regionais, a partir do campo "naturalidade" dos registros, revela:

Tabela 2: Imigrantes italianos por região de origem (amostra de 10%, n=6.523)

| Região de origem    | Número Percentual |
|---------------------|-------------------|
| Vêneto              | 2.543 39,0%       |
| Lombardia           | 1.045 16,0%       |
| Trentino-Alto Ádige | 891 13,7%         |
| Campânia            | 652 10,0%         |



**TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.**

|                         |            |
|-------------------------|------------|
| Calábria                | 521 8,0%   |
| Outras regiões do Norte | 413 6,3%   |
| Outras regiões do Sul   | 348 5,3%   |
| Não especificado        | 110 1,7%   |
| Total                   | 6.523 100% |

Fonte: Elaboração própria a partir de amostra dos registros da Hospedaria Horta Barbosa.

Confirmando a historiografia, predomina a origem setentrional (Vêneto, Lombardia, Trentino), mas com presença significativa de meridionais (Campânia, Calábria), especialmente nos anos iniciais da imigração. Esta distinção é linguisticamente relevante: os imigrantes do Norte eram majoritariamente falantes de dialetos galo-itálicos (vêneto, lombardo), enquanto os do Sul falavam dialetos meridionais (napolitano, calabrês), mutuamente ininteligíveis em muitos casos.

Quanto à distribuição espacial em Minas Gerais, a análise dos destinos registrados indica:

Tabela 3: Principais destinos dos imigrantes italianos em Minas Gerais

| Município                                          | Região Percentual |
|----------------------------------------------------|-------------------|
| Juiz de Fora e Zona da Mata                        | 52,3%             |
| Sul de Minas (Poços de Caldas, Pouso Alegre, etc.) | 28,7%             |
| Região Central (incluindo área metropolitana)      | 8,4%              |
| Triângulo Mineiro                                  | 5,2%              |
| Outras regiões                                     | 4,4%              |
| Total                                              | 100%              |

Fonte: Elaboração própria a partir dos registros da Hospedaria Horta Barbosa.



**TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.**

A concentração na Zona da Mata e no Sul de Minas é expressiva, refletindo a economia cafeeira nessas regiões e a existência de núcleos coloniais estabelecidos.

### **5.3 Línguas trazidas pelos imigrantes italianos**

A partir da identificação das regiões de origem, é possível especificar as línguas efetivamente faladas pelos imigrantes italianos, distinguindo-as do "italiano" como língua nacional padronizada (que muitos não falavam).

Os imigrantes do Vêneto (39%) eram majoritariamente falantes do vênето (vêneto), língua românica distinta do italiano padrão, com suas variantes regionais (vêneto central, vênето ocidental, etc.). Os provenientes da Lombardia (16%) falavam dialetos lombardos (lombard), também galo-italícos. Os do Trentino (13,7%) falavam, dependendo da localidade, variedades de trentino (também galo-italíco) ou, em algumas áreas, alemão (dada a presença de minorias germanófonas na região).

Os imigrantes do Sul (Campânia, Calábria, outras regiões) falavam dialetos meridionais (napolitano, calabrês), pertencentes a grupo linguístico distinto dos dialetos setentrionais, com diferenças significativas em todos os níveis linguísticos.

Esta diversidade linguística interna ao contingente italiano é frequentemente negligenciada em análises que tratam a imigração como fenômeno homogêneo, mas tem implicações importantes para a compreensão das dinâmicas de contato com o português.

### **5.4 Marcas linguísticas da imigração italiana no português mineiro**

A partir da análise de fontes lexicográficas, estudos de história oral e levantamentos de campo (especialmente Mendes, 2018; Trento, 2015), é possível identificar marcas da imigração italiana no português falado em Minas Gerais, especialmente nas regiões de maior concentração.

O domínio mais evidente da influência italiana é o léxico, com numerosos empréstimos incorporados ao português regional e, em muitos casos, ao português brasileiro geral:

Culinária:

- polenta (do vênето polenta, já existente no italiano padrão)



**TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.**

- risoto (do italiano risotto)
- macarrão (do italiano maccherone)
- bruschetta (mais recente, mas difundida)
- ravioli (do italiano ravioli)
- panetone (do italiano panettone)

Vida familiar e social:

- nonno/nonna (avô/avó) — mantido em famílias de descendência italiana
- tchau (do italiano ciao) — difundido no português brasileiro
- bambino (criança) — uso coloquial em algumas regiões
- casa (no sentido de lar, família) — em expressões como "a casa dos nonnos"

Atividades profissionais:

- capataz (do italiano capataze, encarregado)
- pedreiro embora não seja empréstimo direto, a presença italiana na construção civil deixou marcas terminológicas
- comerciante — italianos foram majoritários no comércio urbano

Arquitetura e urbanismo:

- basamento (do italiano basamento)
- terraço (do italiano terrazzo)
- fachada (do italiano facciata)

É importante notar que muitos desses termos não são exclusivos de Minas Gerais, mas sua frequência e usos específicos podem variar regionalmente. Estudos de geografia lexical poderiam mapear com maior precisão a distribuição desses italianismos no estado.

#### **5.4.1 Antroponímia**

A influência italiana na antroponímia mineira é expressiva, especialmente nas regiões de imigração. Sobrenomes como:

- Veneto: Zanetti, Rossi, Ferrari, Bianchi, Marcon, Bortolini
- Lombardo: Innocenti, Galli, Villa, Mariani



**TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.**

- Trentino: Trentini, Trentin, Roverato
- Meridionais: Esposito, Romano, Greco, Coppola

A análise de listas telefônicas e registros eleitorais de cidades como Juiz de Fora, Poços de Caldas e Muriaé revela alta concentração desses sobrenomes, constituindo marcador identitário importante para as comunidades ítalo-descendentes.

#### **5.4.2 Fonética e prosódia**

A identificação de influências italianas na fonética e prosódia do português mineiro é mais complexa e sujeita a controvérsias, dada a ausência de estudos sistemáticos. Contudo, algumas hipóteses podem ser aventadas:

- Alongamento vocálico: observado em algumas variedades do Sul de Minas, possivelmente influenciado pelo padrão prosódico do vêneto e de outros dialetos setentrionais.
- Realização do /r/: em algumas comunidades ítalo-descendentes, observa-se realização vibrante múltipla [r] em contextos onde o português brasileiro padrão teria [x] ou [h].
- Entonação: padrões entoacionais específicos em falantes de regiões de colonização italiana, perceptíveis em contraste com falantes de outras regiões.

Estas hipóteses, contudo, aguardam confirmação por estudos fonéticos instrumentais com controle de variáveis sociais.

#### **5.4.4 Marcas de substrato na gramática**

Há indícios de possíveis influências de substrato italiano em fenômenos gramaticais, como o uso de preposições (influência do sistema preposicional italiano) ou certas construções sintáticas, mas tais influências são de difícil comprovação, dado que o português e o italiano são línguas românicas próximas, com muitas similaridades estruturais.

#### **5.5 Processos de substituição linguística**



**TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.**

A trajetória das línguas italianas em Minas Gerais foi de substituição gradual pelo português ao longo de três a quatro gerações, com variações conforme as condições locais.

A análise de relatórios de diretores de núcleos coloniais revela que, na primeira geração (imigrantes), as línguas de origem eram usadas predominantemente nos domínios familiares e comunitários, enquanto o português era adquirido para interações com a sociedade mais ampla. Documentos de escolas em núcleos coloniais registram a presença de crianças que "chegam à escola sem saber português, falando apenas o dialeto de seus pais".

A segunda geração (filhos de imigrantes) já era tipicamente bilíngue, com domínio variável das línguas de origem e do português. A terceira geração, salvo em comunidades mais isoladas, já tinha o português como língua dominante, com conhecimento apenas residual das línguas de origem.

Este processo foi acelerado por fatores como: (a) política de nacionalização do Estado Novo (1937-1945), que proibiu o uso de línguas estrangeiras em público e fechou escolas étnicas; (b) dispersão geográfica dos imigrantes (diferentemente do Sul do Brasil, onde formaram colônias mais fechadas); (c) estigmatização social das línguas de imigração em determinados períodos.

## **6 IMIGRAÇÃO ALEMÃ E OUTRAS CONTRIBUIÇÕES EUROPEIAS**

### **6.1 A presença alemã em Juiz de Fora: análise documental**

Embora numericamente inferior à italiana, a imigração alemã para Minas Gerais teve importância significativa, especialmente em Juiz de Fora, que se tornou uma das maiores colônias alemãs da região Sudeste. A análise da documentação disponível no Arquivo Histórico de Juiz de Fora e nos registros da Colônia Alemã local permite reconstituir esse processo.

O início da imigração alemã para Juiz de Fora remonta a 1856, quando cerca de 1.200 imigrantes foram trazidos pelo empreendedor Mariano Procópio Ferreira Lage para trabalhar na construção da Estrada União e Indústria, que ligava Petrópolis a Ouro Preto. Documentos do arquivo da Companhia União e Indústria registram a contratação de "técnicos, artesãos e operários alemães" para obras de engenharia que exigiam mão de obra especializada.



**TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.**

Diferentemente dos italianos, que vieram majoritariamente para o trabalho agrícola, os alemães que se estabeleceram em Juiz de Fora tinham perfil ocupacional diversificado: engenheiros, mecânicos, carpinteiros, marceneiros, comerciantes, ourives. Esta composição influenciou as dinâmicas de integração e as marcas linguísticas deixadas.

Listas de colonos alemães, localizadas no Arquivo Histórico de Juiz de Fora, permitem identificar as regiões de origem na Alemanha: predominantemente Hesse, Renânia, Westfália e, em menor escala, Baviera e Saxônia. Estas informações são relevantes porque indicam as variedades do alemão faladas (alto-alemão com diferentes matizes regionais, e não o Plattdeutsch do norte).

## **6.2 Marcas linguísticas da presença alemã**

A influência alemã no português de Juiz de Fora e região, embora menos extensa que a italiana, pode ser identificada em diferentes domínios.

### **6.2.1 Léxico**

Atividades profissionais e técnicas:

- termos ligados à ourivesaria e relojoaria (ofícios em que alemães se destacaram)
- vocabulário da carpintaria e marcenaria (marcas deixadas pela presença de artesãos)

Culinária:

- chucrute (do alemão Sauerkraut)
- cuca (do alemão Kuchen, bolo) — mais característico do Sul do Brasil, mas presente em comunidades alemãs de Minas
- pretzel (do alemão Brezel)
- eisbein (prato típico, preservado em algumas famílias)

Vida social e familiar:

- Bier (cerveja) — embora seja termo internacional, a tradição cervejeira alemã deixou marcas lexicais



TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.

· Verein (associação, clube) — preservado em nomes de entidades (Sociedade Germânia, etc.)

### 6.2.2 Antroponímia e toponímia

Sobrenomes alemães são frequentes em Juiz de Fora e região: Werneck, Klein, Schmidt, Müller, Wagner, Becker, Hoffmann, entre outros. A toponímia local também registra a presença alemã: o Bairro Borboleta, principal área de concentração alemã, e nomes de ruas e logradouros.

### 6.2.3 Instituições e práticas culturais

A presença alemã manifesta-se em instituições que, embora não sejam estritamente linguísticas, envolvem práticas linguísticas: a Sociedade Germânia (fundada em 1862), o Colégio Germânia, o Coro Alemão (Deutscher Gesangverein), a Festa Alemã (reconhecida como patrimônio cultural imaterial do município). Estas instituições têm desempenhado papel na manutenção de práticas linguísticas associadas à herança alemã, ainda que atualmente o alemão seja mais objeto de estudo do que língua de uso cotidiano.

## 6.3 Outros grupos imigratórios: registros documentais

Além de italianos e alemães, Minas Gerais recebeu imigrantes de outras procedências, documentados nas fontes analisadas:

**Espanhóis:** Presentes em menor número, concentrados em áreas urbanas e em algumas regiões cafeeiras. Os registros da Hospedaria Horta Barbosa indicam cerca de 3.000 entradas de espanhóis no período 1888-1901, procedentes principalmente da Galícia, Astúrias e Catalunha.

**Portugueses:** Fluxo contínuo durante todo o período, com cerca de 5.000 entradas registradas, procedentes de diversas regiões de Portugal (Minho, Douro, Alentejo, ilhas). Dada a proximidade linguística, a influência portuguesa é mais difícil de isolar, mas manifesta-se em certos regionalismos lexicais.

**Sírio-libaneses:** Imigração mais tardia (final do século XIX, início do XX), dedicada principalmente ao comércio. Os registros são menos sistemáticos, mas a presença é documentada em relatórios consulares e registros comerciais.



TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.

#### 6.4 Comparação dos processos de manutenção/substituição linguística

A comparação entre os diferentes grupos imigratórios revela padrões distintos de manutenção/substituição linguística, correlacionados a fatores como concentração espacial, perfil ocupacional, políticas linguísticas e atitudes em relação à língua de origem.

**Italianos:** Apesar do grande contingente, a dispersão geográfica e a predominância do trabalho agrícola (em contato com trabalhadores brasileiros) aceleraram a substituição linguística. A manutenção de traços linguísticos deu-se mais no nível lexical e antroponímico do que no uso efetivo da língua.

**Alemães:** O perfil mais urbanizado e especializado, associado à criação de instituições comunitárias fortes (escolas, clubes, igrejas), permitiu maior resistência da língua alemã, que se manteve em uso comunitário até meados do século XX. A campanha de nacionalização do Estado Novo, contudo, teve impacto devastador sobre essas comunidades linguísticas.

**Outros grupos:** Para espanhóis e portugueses, a proximidade linguística facilitou a integração rápida, com pouca manutenção de traços distintivos além do léxico familiar. Para sírio-libaneses, o árabe manteve-se por mais tempo em contextos religiosos e familiares, mas também acabou substituído pelo português.

### 7 CONFIGURAÇÕES REGIONAIS DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA: CORRELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA E DIALETOLOGIA

#### 7.1 Dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) para Minas Gerais

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) constitui a mais abrangente iniciativa de documentação da diversidade linguística brasileira, com pontos de inquérito distribuídos por todo o território nacional. Para Minas Gerais, foram estabelecidos 25 pontos de inquérito, abrangendo todas as mesorregiões, com aplicação de questionários fonéticos, lexicais e morfossintáticos a informantes estratificados por sexo, faixa etária e escolaridade.

Embora a publicação completa dos dados ainda esteja em andamento, resultados preliminares (Cardoso et al., 2014) permitem identificar padrões regionais significativos. Para esta pesquisa, foram consultados os dados referentes a 15 pontos de



**TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.**

inquérito mineiros, com foco em fenômenos potencialmente correlacionáveis aos processos de colonização e imigração.

## **7.2 Zona da Mata: confluência de influências**

A Zona da Mata, região de ocupação tardia vinculada à cafeicultura e com forte presença imigratória (italiana e alemã), apresenta perfil linguístico distintivo.

### **Fenômenos fonéticos documentados pelo ALiB:**

- Palatalização de /t/ e /d/ antes de /i/ ("tia" [tʃia], "dia" [dʒia]) — ocorre com alta frequência, aproximando o falar da Zona da Mata do padrão carioca, diferentemente de outras regiões mineiras.
- Realização do /r/ em coda silábica: predomina a realização como fricativa velar [x] ou glotal [h], com ocorrência esporádica do "r caipira" retroflexo [ɽ] em áreas de fronteira com o Sul de Minas.
- Vogais pretônicas: tendência ao fechamento ( [e] > [i], [o] > [u] ), padrão comum no português brasileiro, mas com variação regional.

Fenômenos lexicais:

- Presença de italianismos com frequência superior à média estadual: polenta, risoto, nonno/nonna são registrados com alta frequência nas respostas aos questionários semântico-lexicais.
- Designações para aspectos da vida rural e doméstica que refletem a influência imigratória.

Correlação com dados históricos: A comparação entre os mapas de distribuição dos fenômenos linguísticos e os mapas de concentração imigratória (elaborados a partir dos registros da Hospedaria Horta Barbosa) revela correlações significativas: os pontos de inquérito com maior incidência de italianismos lexicais coincidem com os municípios que receberam maiores contingentes de imigrantes italianos (Juiz de Fora, Muriaé, Cataguases, etc.).

## **7.3 Sul de Minas: aproximações com o falar paulista**



**TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.**

O Sul de Minas, região marcada por intensa circulação com São Paulo e também por significativa presença italiana (especialmente em cidades como Poços de Caldas), apresenta características que o distinguem de outras regiões mineiras.

### **Fenômenos fonéticos:**

- Presença do "r caipira" retroflexo [ɾ] em coda silábica, especialmente em áreas rurais e em informantes mais velhos — traço característico do interior paulista e de áreas de influência bandeirante.
- Ausência da palatalização de /t/ e /d/ em muitos contextos (diferentemente da Zona da Mata), mantendo realizações [t] e [d] alveolares.
- Prosódia com padrões entoacionais que se aproximam do interior paulista.

### **Fenômenos lexicais:**

- Vocabulário compartilhado com o interior paulista, com diferenças em relação a outras regiões mineiras.
- Italianismos também presentes, mas com distribuição distinta da Zona da Mata (alguns termos específicos, outros ausentes).

Correlação com dados históricos: O Sul de Minas recebeu imigrantes italianos que se dirigiram tanto para fazendas de café quanto para núcleos coloniais (como a Colônia Poços de Caldas). A presença italiana é documentada nos registros analisados, mas com perfil distinto: maior proporção de meridionais (campanianos, calabreses) em relação à Zona da Mata, o que pode ter implicações para as variedades de italiano trazidas e, potencialmente, para as marcas deixadas no português regional.

## **7.4 Norte de Minas e conexões com o sertão**

O Norte de Minas, em contato com a Bahia e com o sertão nordestino, apresenta características linguísticas que o distinguem significativamente das regiões Centro-Sul do estado.

### **Fenômenos fonéticos:**

- Realização das vogais pretônicas com timbre mais aberto, aproximando-se do padrão nordestino ([e] e [o] abertos em posição pretônica).
- Ausência da palatalização de /t/ e /d/.



**TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.**

- Padrões prosódicos que se aproximam do falar baiano.

Fenômenos morfossintáticos:

- Maior incidência de traços do português popular (não concordância, redução de paradigmas verbais) em correlação com menor escolarização e com histórico de maior concentração de população escravizada e menos acesso à escolarização.

Fenômenos lexicais:

- Vocabulário compartilhado com o sertão nordestino, com termos relativos à pecuária, à cultura do couro, à vegetação da caatinga.
- Presença de arcaísmos e regionalismos característicos.

Correlação com dados históricos: O Norte de Minas teve ocupação vinculada à pecuária, com presença menor de imigração europeia e maior concentração de populações mestiças e descendentes de africanos. A documentação histórica (inventários, registros paroquiais) indica menor presença estrangeira e maior isolamento em relação aos fluxos migratórios do Centro-Sul.

### **7.5 Região Central e metropolitana: convergência e inovação**

A Região Central, incluindo a área metropolitana de Belo Horizonte, constitui espaço de convergência de migrantes de diversas procedências, com formação mais recente (Belo Horizonte foi fundada em 1897) e características linguísticas em consolidação.

Fenômenos linguísticos:

- Maior heterogeneidade, refletindo a diversidade de origens dos migrantes.
- Tendência à formação de uma variedade urbana que incorpora traços de diferentes regiões, com possível nivelamento dialetal.
- Presença de inovações linguísticas associadas à urbanização e à escolarização.

Correlação com dados históricos: A criação de Belo Horizonte como nova capital atraiu migrantes de todas as regiões do estado, além de imigrantes estrangeiros. Os censos do início do século XX registram a presença de italianos, portugueses, espanhóis e outros grupos na nova capital, contribuindo para a diversidade linguística da região.

### **7.6 Triângulo Mineiro: conexões com o Centro-Oeste**



TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.

O Triângulo Mineiro, em contato com Goiás e com o Centro-Oeste, apresenta características de transição entre o mineiro e o goiano.

Fenômenos linguísticos:

- Presença do "r caipira" retroflexo.
- Lexicais compartilhados com o Centro-Oeste.
- Influência de migrantes de outras regiões (paulistas, goianos, sulistas mais recentemente).

Correlação com dados históricos: A ocupação do Triângulo deu-se tardiamente, com forte presença de migrantes paulistas e goianos, além de imigrantes europeus em menor escala. A economia agropecuária moderna atraiu, nas últimas décadas, migrantes de diversas procedências, introduzindo novos elementos na configuração linguística regional.

## 8 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A triangulação de fontes documentais e linguísticas realizada neste estudo permite uma caracterização mais precisa das contribuições das diferentes matrizes para a diversidade linguística mineira.

**Matriz portuguesa:** Forneceu a base estrutural do sistema linguístico, mas com importante diversidade interna decorrente das diferentes origens regionais dos colonizadores. Esta diversidade manifesta-se em variações dialetais que persistem até hoje, ainda que parcialmente niveladas por processos posteriores.

**Matriz africana:** Contribuiu significativamente para a configuração do português popular mineiro, especialmente em fenômenos morfossintáticos (concordância variável) e lexicais. A predominância de línguas banto (quimbundo, quicongo, umbundo) na composição da população escravizada em Minas Gerais explica a maior presença de termos dessas línguas no léxico popular, em contraste com outras regiões onde a influência iorubá foi mais forte.

**Matriz indígena:** Contribuição mais limitada, mas presente na toponímia e em itens lexicais referentes à flora e fauna. A ausência de uma "língua geral" de base tupi em Minas Gerais, diferentemente de São Paulo e da Amazônia, explica a menor influência.



TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.

**Imigração italiana:** Contribuição significativa no léxico (especialmente culinária, vida familiar) e na antroponímia, com variações regionais correlacionadas às origens dos imigrantes (predomínio setentrional na Zona da Mata, presença meridional mais significativa no Sul). A influência fonético-prosódica, embora plausível, carece de documentação sistemática.

**Imigração alemã:** Contribuição mais localizada (Juiz de Fora), mas relevante no léxico de domínios específicos (ofícios, culinária) e na antroponímia, além de ter gerado instituições que preservam práticas culturais associadas à língua.

**Outras imigrações:** Contribuições mais restritas, geralmente limitadas ao léxico especializado ou à antroponímia.

### 8.1 Padrões regionais e sua explicação histórica

Os padrões regionais identificados nos dados do ALiB e em outros estudos dialetológicos correlacionam-se significativamente com os processos históricos de ocupação e imigração:

1. Zona da Mata: A influência carioca (palatalização de /t, d/) pode ser explicada pela intensa circulação com o Rio de Janeiro através da Estrada União e Indústria e pela economia cafeeira que integrava a região ao porto do Rio. A forte presença italiana manifesta-se na frequência de italianismos lexicais.
2. Sul de Minas: A influência paulista (r retroflexo, prosódia) reflete séculos de circulação com São Paulo, desde o período colonial (passagem das bandeiras) até a integração econômica recente. A imigração italiana, com perfil distinto da Zona da Mata, também deixou marcas.
3. Norte de Minas: As conexões com o sertão nordestino (vogais abertas, prosódia, léxico) explicam-se pela integração histórica com a Bahia via rio São Francisco e pela economia pecuária, que aproximava a região do Nordeste. A maior incidência de traços do português popular correlaciona-se com menor escolarização e com histórico demográfico distinto.
4. Centro e Triângulo: Regiões de convergência, com maior heterogeneidade e tendência ao nivelamento dialetal, refletindo fluxos migratórios mais recentes e diversificados.



**TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.**

## **8.2 Implicações para a compreensão do português mineiro**

Os resultados desta pesquisa desafiam a visão homogeneizante do "modo mineiro de falar" e apontam para a necessidade de se reconhecer a existência de múltiplos "mineiros" — variedades regionais e sociais que coexistem no território do estado.

Mais do que isso, evidenciam que essas variedades não são entidades autônomas, mas sim resultantes de processos históricos específicos que podem ser identificados e analisados. O português falado em Minas Gerais não é simplesmente uma "variação" do português brasileiro, mas sim o produto de séculos de contato entre línguas, de movimentos migratórios, de dinâmicas econômicas e sociais que moldaram a configuração demográfica e, consequentemente, linguística do estado.

Esta constatação tem implicações importantes para a compreensão do português brasileiro como um todo, na medida em que Minas Gerais, por sua posição geográfica central e por sua história demográfica, funciona como zona de contato e transição entre diferentes normas regionais — a paulista, a carioca, a baiana —, contribuindo para a complexidade do mosaico linguístico nacional.

## **9 CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR UMA POLÍTICA DE RESPEITO LINGUÍSTICO FUNDAMENTADA NO CONHECIMENTO DA DIVERSIDADE**

A trajetória percorrida ao longo deste artigo permitiu evidenciar, com base em análise documental sistemática e em diálogo com a literatura especializada, a complexidade e a riqueza da diversidade linguística em Minas Gerais. Diferentemente da visão homogeneizante que ainda persiste em certos discursos, o que se constata é a existência de um mosaico de variedades cujas características refletem processos históricos específicos: a presença massiva de africanos de diferentes procedências no período colonial, a imigração italiana com suas diferenciações regionais, a presença alemã em Juiz de Fora, as dinâmicas de ocupação diferenciada do território, entre outros fatores.

Os principais achados desta pesquisa podem ser assim sintetizados:

1. Identificação das matrizes linguísticas com maior especificidade: A análise documental permitiu precisar as origens regionais dos contingentes populacionais que contribuíram para a formação do português mineiro — predominantemente línguas



**TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.**

banto (quimbundo, quicongo, umbundo) na matriz africana; majoritariamente dialetos vêneto e lombardo na imigração italiana; variedades do alto-alemão na imigração germânica.

2. Correlação entre história e geografia linguística: Os padrões regionais documentados pelo ALiB e por outros estudos dialetológicos correlacionam-se significativamente com as áreas de concentração dos diferentes fluxos migratórios, permitindo explicar, por exemplo, a presença de italianismos na Zona da Mata, o r retroflexo no Sul de Minas, as características sertanejas no Norte do estado.

3. Documentação de marcas linguísticas específicas: Foram identificados e exemplificados fenômenos lexicais, antroponímicos, fonéticos e morfossintáticos atribuíveis às diferentes matrizes, contribuindo para um conhecimento mais concreto da diversidade linguística mineira.

4. Compreensão dos processos de substituição linguística: A análise das trajetórias das línguas de imigração revelou padrões diferenciados de manutenção/substituição, correlacionados a fatores como concentração espacial, perfil ocupacional, políticas linguísticas e atitudes sociais.

Este conhecimento tem implicações diretas para a promoção do respeito linguístico, que não pode basear-se apenas em declarações genéricas de tolerância, mas exige ação fundamentada em evidências sobre a realidade linguística efetiva. Com base nos resultados desta pesquisa, propõem-se as seguintes diretrizes para a promoção do respeito linguístico em Minas Gerais.

A diversidade linguística mineira, longe de ser problema ou obstáculo à comunicação, constitui patrimônio cultural de valor inestimável, testemunho vivo dos processos históricos que formaram a sociedade mineira e expressão legítima da criatividade linguística de seus falantes. Conhecer-la, respeitá-la e valorizá-la é condição para uma sociedade mais democrática, inclusiva e consciente de sua riqueza cultural.

Que este trabalho possa contribuir, ainda que modestamente, para este objetivo, oferecendo subsídios para que educadores, pesquisadores, formuladores de políticas e cidadãos em geral possam conhecer melhor a realidade linguística de Minas Gerais e, a partir desse conhecimento, atuar na promoção do respeito linguístico em todas as esferas da vida social.

## **REFERÊNCIAS:**

ARQUIVO HISTÓRICO DE JUIZ DE FORA. **Documentos da Colônia Alemã (1856-1930)**. Juiz de Fora: AHJF. Série Imigração.



**TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.**

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. **Documentação de núcleos coloniais (1850-1900)**. Belo Horizonte: APM. Série Colonização.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. **Relatórios de Presidentes de Província de Minas Gerais (1830-1889)**. Belo Horizonte: APM. Série documental.

BAGNO, Marcos. **Dicionário crítico de sociolinguística**. São Paulo: Parábola, 2017.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 56. ed. São Paulo: Loyola, 2015 [1999].

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

CARDOSO, Suzana Alice; MOTA, Jacyra; AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: EDUEL, 2014.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2011.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HENSEY, Fritz. **The sociolinguistics of the Brazilian-Uruguayan border**. The Hague: Mouton, 1972.

HOSPEDARIA HORTA BARBOSA. **Registros de entrada de imigrantes (1888-1901)**. Juiz de Fora: Acervo Histórico da Imigração Italiana. 12 livros manuscritos.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Recenseamento do Brasil realizado em 1 de setembro de 1920**. Rio de Janeiro: Typographia da Estatística, 1920.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Recenseamento do Brasil de 1872**. Rio de Janeiro: IBGE, 1872.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.



**TEODORO, M.A; GARCIA, I. A.**

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico: morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2019.

MENDES, Jackeline. **Contato linguístico português-alemão em Juiz de Fora: um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MYERS-SCOTTON, Carol. **Contact linguistics: bilingual encounters and grammatical outcomes**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

PAIVA, Eduardo França. **Escravidão e universo cultural na colônia: Minas Gerais, 1716-1789**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Variação e mudança no português do Brasil: introdução**. Vitória: PPGEL/UFES, 2012.

THOMASON, Sarah Grey; KAUFMAN, Terrence. **Language contact, creolization, and genetic linguistics**. Berkeley: University of California Press, 1988.

TRENTO, Angelo. **Italianos no Brasil: uma história de imigração**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

WEINREICH, Uriel. **Languages in contact: findings and problems**. New York: Linguistic Circle of New York, 1953.

ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio. **Os falares mineiros: esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

#### **Como citar este artigo (ABNT)**

**TEODORO, M.A; GARCIA, I. A. Diversidade linguística em minas gerais (séculos xviii-xx): raízes históricas, contato entre línguas e implicações sociopedagógicas**. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 12, n. 1, p. XXX-XXX, 2025. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

#### **Como citar este artigo (APA)**

**TEODORO, M.A; GARCIA, I. A. (2025) Diversidade linguística em minas gerais (séculos xviii-xx): raízes históricas, contato entre línguas e implicações sociopedagógicas**. Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.